

mundo das palavras que são, afinal, as chaves do conhecimento da vida. Como disse Lucila Martinez:

A biblioteca pública e escolar seria uma porta de acesso a emoções, respostas, soluções, experiências gratificantes e prazer. (...) Está comprovado que o encanto contido, tanto no acesso a novas idéias quanto no domínio de conhecimento, serviços e recursos disponíveis, ou mesmo a abertura a maiores fantasias, são peças fundamentais para que o indivíduo, não importa a sua posição social, assuma um papel participativo e consciente dentro do processo de desenvolvimento social. É, enfim, um processo

de educação não-formal, estreitamente vinculado à busca de uma melhor qualidade de vida cotidiana.<sup>1</sup>

É essa a idéia-matriz deste recente *A demanda do leitor*, de Domingos Guimarães de Sá, e que muito tem a oferecer aos interessados nessa instituição vital para qualquer nação, que é a Biblioteca, e especialmente aquela destinada às crianças e adolescentes. É urgente que nos preparemos para formar os leitores de hoje – manipuladores e usuários da informação de amanhã.

São Paulo, 6 setembro 1994.

## Passeio pelos “seis passeios”

Aurora Fornoni Bernardini

Professora da Universidade de São Paulo

Umberto ECO, *Sei passeggiare nei boschi narrativi*, Milano, Bompiani, 1994; no Brasil: *Seis passeios pelos bosques da ficção*, trad. Hildegard Feist, São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

Repetindo o feito de Italo Calvino, que preparou suas *Seis Lições* para a Harvard University como se fossem um compêndio, aqui vem Umberto Eco, que também recebeu o convite, fazer o mesmo. O resultado não é a espécie de tratado literário (quase um testamento) que Calvino escreveu, mas um trabalho quase jornalístico que se lê de uma enfiada só – e dizer trabalho jornalístico, em se tratando de Eco, só pode querer ser elogio.

Contrariamente a Calvino, que tinha escolhido a Rapidez e a Precisão entre seus primeiros legados ao próximo milênio, Eco se fixa no tempo imperfeito de Gérard de Nerval, na encantadora *Sylvie* (existe a tradução brasileira da Rocco de 1986, na coletânea *Novelas Imortais* cuidada por Fernando Sabino), e elege a Imprecisão e a Demora (*Delectatio morosa*) como ambiência propícia, pelos procedimentos da composição literária, às peripécias do leitor ideal A ou B. A ambiência de *Sylvie*, que conforme diz Proust, outro leitor entusiasta, “está entre as palavras”, permite a Eco estabelecer uma série de interessantes paralelos entre os diferentes usos de tempo: tempo musical, tempo do encantamento, tempo da desilusão, tempo da factualidade (p. 50-3) ou o “cut to the chase!” da assim chamada “baixa literatura”.

Tempo inferencial e trocas de marcha, já agora em Manzoni, Flaubert e Perec, passando pela *cena* da *hard-boiled novel One lonely night*, de Mickey Spillane (p. 68-9), onde o tempo da fábula é isocrônico ao do discurso, e pelo *stretching* de *Casino Royale*, de Ian

1 *Biblioteca & escola criativa*, Petrópolis, Agentes & Autores & Associados, 1994, p. 27.

Fleming (p. 68-70), onde o discurso desacelera em relação à rapidez da estória etc.: o importante é descobrir como é que um texto consegue impor ao leitor o tempo de duração e o ritmo que o autor julga necessário para a sua fruição.

Analisado o tempo, o autor o engata ao espaço, já no fim do terceiro capítulo, observando Manzoni, no caso, desenhar o mapa do mundo narrativo de *I promessi sposi*, indo da geografia à história e depois à crônica, da carta geográfica à carta topográfica. Para as noções de espaço realista, espaço verdadeiro e mundo funcional, os exemplos vêm da *Metamorfose* de Kafka, do *Pêndulo de Foucault*, seu último romance, e do conto policial americano. Ao tom jocoso que o livro tem desde o início acrescenta-se agora o toque detetivesco: "O estranho caso da Rua Servandoni" e "Protocolos fictícios", respectivamente o quinto e o sexto capítulos, são um exemplo eloqüente.

Mas o que descobre o leitor? Não é, claro, que a Rue de Servandoni não existia na Paris de 1625, época em que se desenrola a estória de *Os três mosqueteiros* (nesse tempo chamava-se Rue des Fossoyeurs e o arquiteto Giorgio Niccolò Servandoni nasceu em Florença em 1695), uma vez que isso não é relevante para o leitor-modelo do livro de Dumas. "O leitor modelo previsto para *Os três mosqueteiros* tem curiosidade e gosto pela reconstrução histórica não erudita, conhece Bonaparte, tem uma idéia bastante vaga da diferença entre o reinado de Luís XIII e o de Luís XIV, tanto que o autor lhe fornece muitas informações quer no começo quer no corpo do relato e não pretende ir aos arquivos nacionais para controlar se existia realmente na época um conde de Rochefort" (p. 133-4).

O que o leitor descobre é que ler uma obra de ficção significa conjecturar sobre quais são os critérios da economia que governam aquele mundo ficcional, descobrir a dominante, a chave da leitura. Assim, se a economia de *Sylvie* quer que nós re-

construamos a fábula, isso é induzido pela insistência com que aparecem os sinais temporais. "É difícil suspeitar que aqueles sinais sejam casuais, que seja casual que a única data precisa do romance apareça justamente no fim, como a induzir-nos a ler tudo de novo para reencontrar a seqüência da fábula que o narrador tinha perdido e que nós não havíamos identificado. Mas os sinais temporais com os quais Nerval constela o texto estão todos nos nós relevantes do enredo, exatamente nos momentos em que o leitor é convidado a passar pelo tempo aos saltos, a abandonar o presente narrativo para adentrar-se numa outra porção de passado. São como pálidos sinais semafóricos disseminados na névoa. Pelo contrário, quem procurasse anacronismos em Dumas poderia até encontrar muitos, mas todos em posição bem pouco estratégica. Toda a construção textual (...), no episódio em que é nomeada a Rua Servandoni, circula em torno do ciúme de d'Artagnan e o capítulo inteiro se desenrola em volta de uma confusão sobre a identidade das pessoas: primeiro vê-se uma sombra que parece ser a de madame Bonacieux, depois ela fala com alguém que d'Artagnan crê ser Aramis, depois descobre-se que este alguém era uma mulher" etc (p. 138-9).

Ora – poderia dizer o estudioso –, aqui está a solução do enigma! Por que não haveria de existir um paralelismo "sutil" entre a troca do nome das ruas e a troca do nome das personagens? Porque – nos diz Eco, dando um puxãozinho de orelha em tanto crítico improvisado "na escola da suspeita" – a troca de pessoas existe para ser sempre seguida de uma revelação, e o jogo das revelações forma um sistema com o da troca de pessoas, aliás, comum no romance popular do século XIX. Ao contrário, o anacronismo da Rua Servandoni não é seguido por revelação nenhuma e dentro das regras do romance oitocentista de capa-e-espada continua sendo um beco sem saída.

Nas relações complexas que envolvem história e literatura, a função narrativa nos fascina por sua promessa de ordem. Lendo, colaboramos para construir um universo que possua uma espécie de coerência interior. Só depois decidimos se ele é imaginário ou real. Temos a propensão de interpre-

tar a realidade como *texte lisible*, conclui Eco, citando Barthes, na esperança de que existam as regras do jogo: uma divindade-narrador foi sempre procurada pelo homem, nas vísceras dos animais quanto na construção de um autor-modelo que dê sentido à leitura.